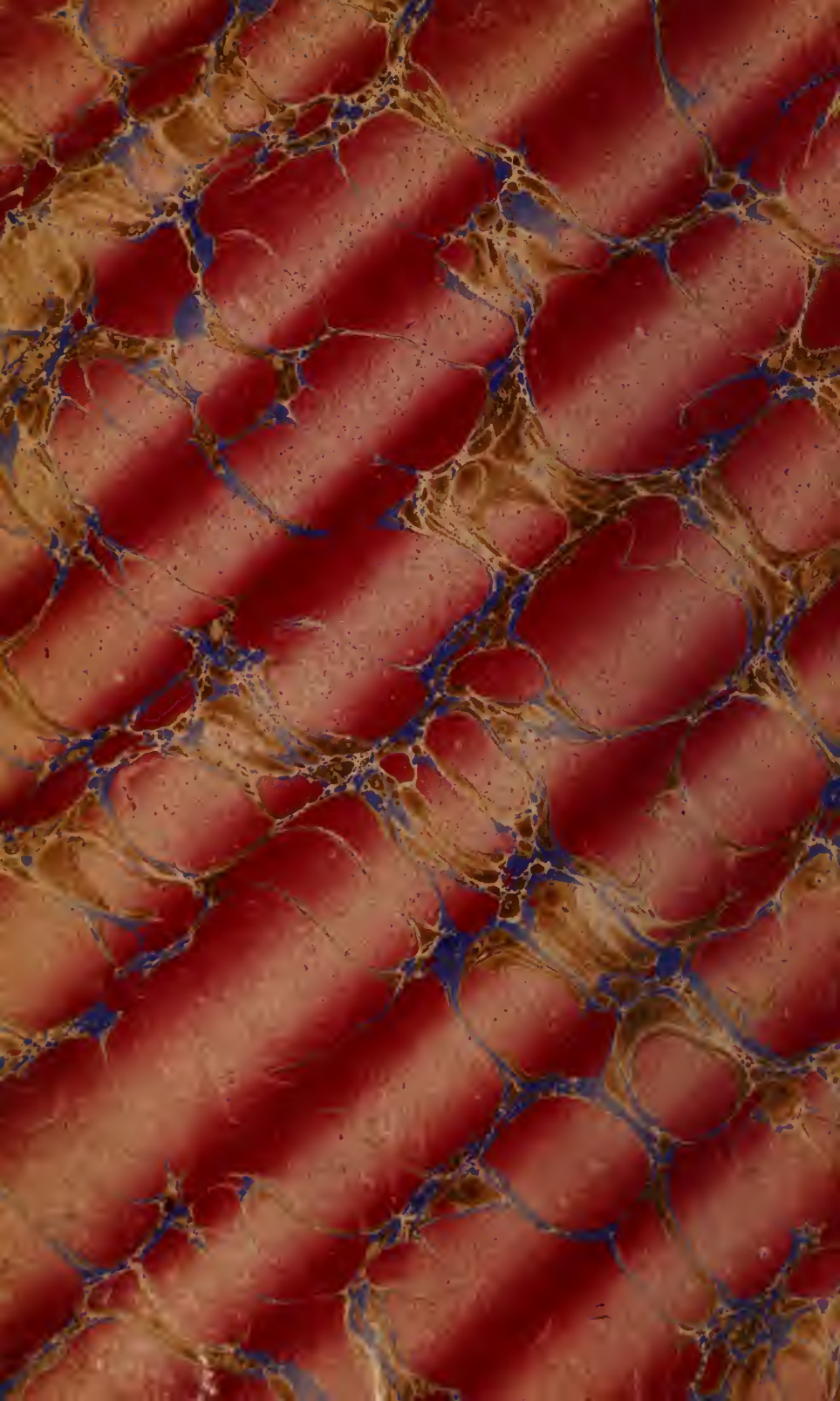


3 1761 07136087 9









3628

70.

OCCIDENTALES

OBRAS DO AUTOR

VERSOS

<i>Lira íntima</i>	1 volume.
<i>Um verso de Camões</i> (não entrou no mercado) .	opusculo.
<i>Luis de Camões</i> (poemeto, com uma carta de Eça de Queiroz).	1 volume.
<i>Poetas mortos</i>	opusculo.
<i>Echos do Intermezzo de Heine</i>	1 volume.
<i>Occidentaes</i>	1 volume.

JOAQUIM DE ARAUJO

OCCIDENTALES



PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

Casa editora

LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES

1888

—
Todos os direitos reservados

PQ
9261
A75
04



Porto: Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancellaria Velha, 70

ARABESCOS



PRIMEIRA PARTE



CHEIA DE GRAÇA

—

ESSA adorada velhinha,
Que eu vi, por ventura minha,
Ao teu braço aconchegada,
Faz-me lembrar vagamente
O sol morrendo no poente,
Á beira duma alvorada.

Que luminoso contraste!

Uma flor, tremendo na haste,
Protege a arvore antiga,
E tem ainda um clarão,
Para encher meu coração
E para ser minha amiga.

Deliciosa ventura!

Que immenso mar de ternura,
Como em extasis, me banha,
Num religioso crescendo!
... Dir-se-hia o luar, batendo,
Á noite, numa montanha.

Não sei que fluido embriaga

A minh'alma, que se alaga
Em um diluvio infinito
De aromas, e sons, e flores...
Que o lirio dos meus amores
Seja, entre os lirios, bemdito!

A avósinha vae curvada;
Embora! que a minha amada,
— Visão das visões mais bellas —,
Timida, a vae amparando,
Sobre os seus passos, lançando
Os olhos — duas estrellas.

Doce e radiosa chimera!
Quem me déra, ai! quem me déra
Que essa velhinha tão doce,
Cheia de candidos brilhos,
No occaso da vida, fosse
A bisavó... dos meus filhos!

NOS ANNOS DA CONDESSA

O SONETO leal, que lhe offereço,
Não é feito com pompas triumphaes ;
Não tem rimas finissimas, de preço,
Ou cumprimentos, afinal — banaes.

Mas no seu animo, eu não desmereço
Por lhe não affirmar, como os jornaes
Lhe dizem sempre, com sincero apreço,
Que é um composto de graças divinaes.

Não lhe celebrou a candida belleza
Desses olhos dolentes de Princeza,
Que os astros consideram como irmãos,

Maç, porque é hoje o seu anniversario,
Este soneto, Enviado-extraordinario,
Da minha parte, vae beijar-lhe as mãos...

CONSOLADORA

Tu, dantes, amparavas piedosa,
Numa meiguice toda maternal,
A trémula velhinha receiosa,
Que ia suspensa — que sublime cousa! —
Do teu braço, uma aza angelical...

Um gruposinho encantador! Surria
Quem fosse, lá da altura, contemplar-te:
A doce avó quasi que já não via
Mais que o vulto suave do seu guia...
Ante esses quadros emudece a Arte.

O teu andar correcto, firme e nobre
Encantava-me, e eu via que igualmente
Rico, feliz, desventurado e pobre,
Viam em tí o Bem, que se descobre
Num rosto feminino e intelligente.

Já se notava pela visinhança,
Já me vinham dizer, — formosa amiga! —
Que não havia assim outra creança;
E em grande paz, em limpida bonança,
Eu via-te — uma santa rapariga.

Na egreja, quando entravas, parecia
Que uma nuvem celeste se evolava,
Da tua clara prece, e que voava,
Banhando duma intima harmonia
A architectura glacial, sombria...

Que vezes fui achar-te ajoelhada,
Numa attitude religiosa e doce,
E cheia duma aureola sagrada,
Como se, acaso, a tua imagem fosse
A da Virgem Maria Immaculada!

Por quem resavas? que orações subiam,
Como incenso, em espiras, fluctuando,
A região que os olhos meus não viam,
Mas que os teus, desde muito, conheciam?...
Por quem resavas, tímida, scismando!?

Ah! fosse eu perguntal-o bem distante.
Se elle existe, ao paiz de eternos soes!
— Dize-mo tu, ó nuvem do levante!
Mas, se eu erguia os olhos hesitante,
Cantavam na penumbra os rouxinoes.

Hoje ainda — dulcissimos arcanos! —
Se os olhos relanceio ao meu passado
E afugento os sombrios desenganos,
Ainda vejo os meus deseseis annos,
Ungidos do teu vulto abençoado.

Ainda te vejo, como um grande lago,
Ama o alvo luar que se escondeu,
Ainda sinto no peito o doce afago
Do teu amor, — clarão sereno e vago,
Como o olhar de meu Pae, quando morreu...



PARENTHESIS DE LUZ

QUANDO ella passa, timida, hesitante,
Banhada a fronte num clarão bemdito,
Vem até mim um echo murmurante,
Que não é deste mundo, em que eu habito.

Ao fulgor do seu palido semblante,
Sinto, na alma, como um infinito :
Meu doido coração, ancioso e amante,
Surge das trevas em que jaz proscrito.

Quando ella passa, timida, a meu lado
O aroma ideal do candido passado,
Cinge-me ainda, rapido, fugace...

E as aves choram tristes e saudosas
De quando vinham surprehender as rosas,
Que lhe eu traçava no palôr da face...

NUMA FESTA ESCOLAR

A ESCOLA é como um templo :
Mixto de aurora e mixto
Dessa harmonia extranha,
Que tinha a voz do Christo,
— Illuminado exemplo! —
Nos cimos da Montanha.

A luz que ella irradia
Do seu calor profundo,
É como a luz do dia,
Que fortalece e cria,
Que enche de seiva o mundo.

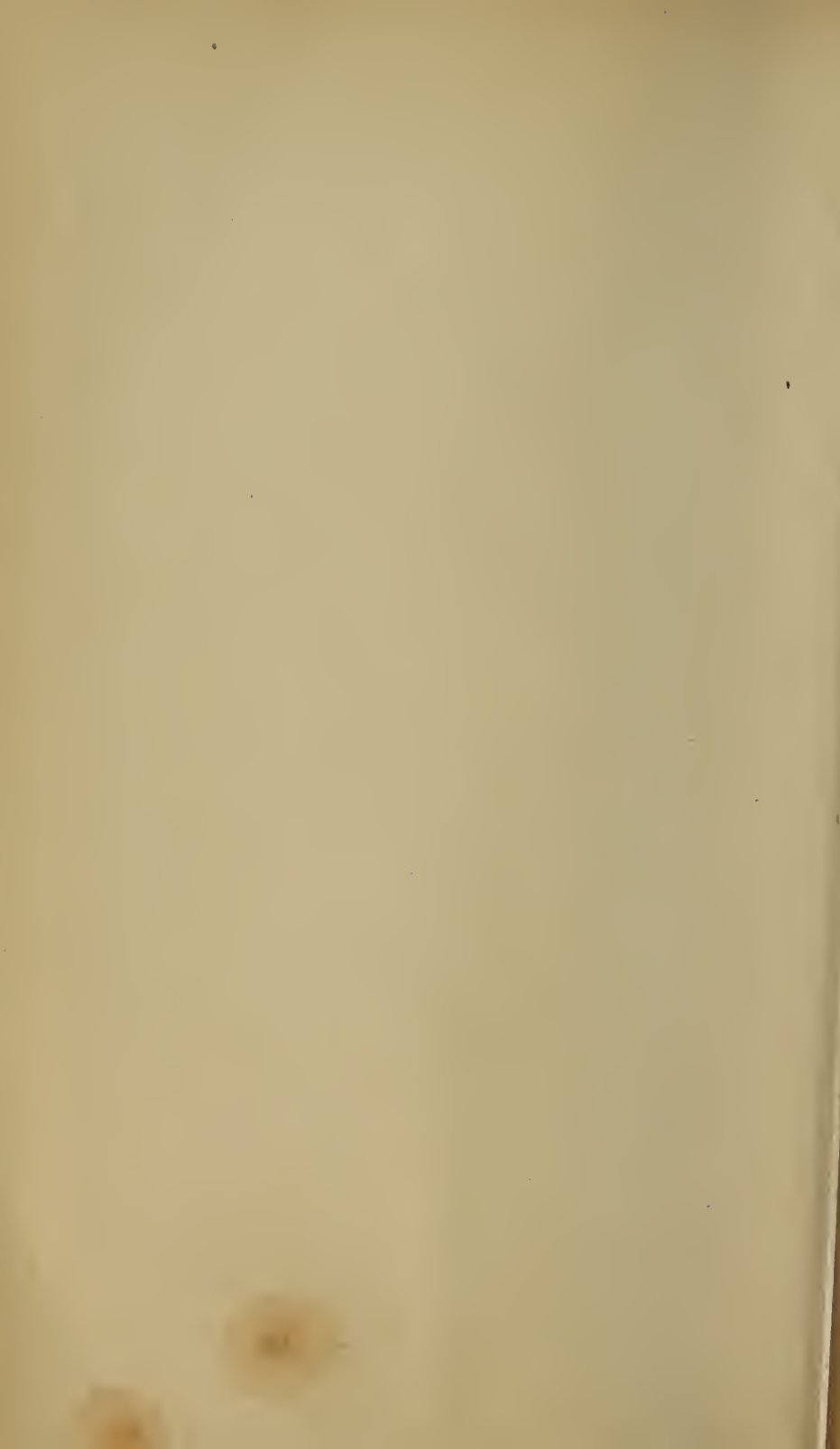
É como o sol, no espaço,
Cingindo a terra inteira •
Num luminoso abraço!...

Sente-se o doce aroma
Da flor da amendoeira,
Quando um sorriso assoma
Aos labios purpurinos
Da suave multidão,
Que tem cantos divinos
No roseo coração!

Poetas! sonhadóres!
Vinde cantar comigo
Esta mansão das flores,
Primeiro e santo abrigo
Dos fortes luctadores.

Saudae o ethereo ninho
De tepido fulgor :
Que as almas são de arminho
Na cathedral do amor !

.



CANÇÃO

QUANDO tu me banhas
Desse resplendor,
Com que nas montanhas
Brilha o sol, no alvor,
A minh'alma anciosa
Como que se veste
Dum clarão celeste
De infinito amor!

E se te eu procuro,
Vem-me consolar
O teu vulto puro,
O teu puro olhar...
É que a minha vida
Ficou prêsa á tua,
Como a noite á lua,
Como a onda ao mar...

AS TUAS CARTAS

SAE um aroma de jasmims e rosas
Do cofre, em que eu, ha muito, guardo avaro
As tuas cartas, — um thesouro raro
De essencias preciosas.

Nas horas, em que eu scismo taciturno
Na ventura, que ás vezes me fallece,
Suspira ali, em trémulo nocturno,
Não sei que ignota prece...

Vibra uma alma que palpita e chora,
Naquelle asilo perfumado e doce,
E eu fico-me a scismar, como se fosse
Ungido pela aurora...

Sinto uma intima e cariciosa
Consolação, que esplende e que é tamanha
Como as da madrugada religiosa,
Na urze da montanha...

Os rouxinoes gorgem solitarios,
E numa orquestração mansa e velada
Irrompe, estremecendo immaculada,
A voz dum stradivarius...

Vae derivando luminosamente,
Para o oceano, um rio misterioso,
Em cujas aguas o luar tremente
Ondula immerso em goso...

Passam aragens matinaes, esparsas,
— Aragens que roçaram na palmeira
Do deserto, na flôr da amendoeira,
E no colo das garças...

Que poema celeste se resume
Nessas cartas leaes, que tu traçaste?
Donde lhes vem o candido perfume,
Com que as illuminaste?

Quando eu fôr, num caixão, desfallecido,
Só desejo que o meu testamenteiro
As coloque a meu lado, condoído...
Serão meu travesseiro...



A UMA ARTISTA

(L.)

NAS suas mãos de marmore nevado,
Que Phidias não talhára,
Se viesse arrancar-as, inspirado,
A um bloco de Carrara,

Como um singelo preito illuminado
De admiração avára,
Deponho este soneto rendilhado,
Duma elegancia rara.

A Arte, a grande Mãe, piedosa e austera,
Mergulhou-a na eterna primavera,
Immergiu-a nos filtros do luar,

Banhou-lhe a alma em roseos universos,
E dá-lhe nestes meus quatorze versos
Uma camélia... para desfolhar...

RUINAS

Ao longo das arcadas silenciosas
De um antigo mosteiro solitario,
Vacila, ao vento, um grande alampadario,
Ouvindo o choro virginal das rosas.

Uma a uma, evolaram-se as Esposas
Do sereno Cordeiro do Calvario,
Santas monjas de preces lagrymosas
E de palido rosto funerario.

Esses lírios de amor immaculado,
Que immolaram a limpida alegria,
Nos altares do místico noivado,

Foram partindo, — legião sombria! —
E immovel, hirto, o Christo abandonado,
Do claustro ao fim da gelida arcaria,

Tem, como outrora, extático, a seu lado,
O vulto soluçante de Maria!

DUAS GRANDEZAS

(DE D. RAMON DE CAMPOAMOR)

UM altivo, outro sem lei,
Os dois conversando estão :
— Eu sou Alexandre, o rei.
— Eu sou Diogenes, o cão.

— Venho tornar mais honrada
Tua vida de caracol ;
Que queres de mim ? — Eu, nada ;
Que me não tires o sol.

— O meu poder... — Assombroso,
Mas a mim nada me assombra.
— Posso tornar-te ditoso.
— Não vindo fazer-me sombra.

— Dar-te-hei larga riqueza,
Palacio com seu docel.
— Não ha casa, com certeza,
Melhor do que o meu tonel.

— Dar-te-hei mantos reaes
De oiro e sêda. — Historias ! Nota
Que me abriga muito mais
A capa que eu trago rôta.

— Ricos manjares devoro.
— É sempre duro o meu pão.
— Bebo o Chypre, em taças de oiro.
— E eu bebo a agoa —, na mão.

— Farei tudo que tu mandes.

— Tristes vaidades insanas!

A misérias, assim grandes,

Chamas venturas humanas?!

— Aos tristes que a sorte opprime

Vou com gloria soccorrer.

— A Gloria! — manto do crime,

Crime sem manto, — o Poder.

— O orbe inteiro, iracundo,

Tenho prostrado a meus pés.

— Como és tu senhor do mundo,

Se de ti mesmo o não és?

— Sei que do universo dono,

Serei da terra o ditoso.

— Terás, no ultimo somno,

O teu primeiro repouso.

- Eu sou arbitro das leis.
— E dizes palavras taes!
— Venci centenas de reis.
— Ladrão de c'roas reaes!
- Viva, embora, aborrecido,
Serei na morte lembrado.
— Eu, por mim, desconhecido,
Não morrerei odiado.
- Adeus! não posso vencer
Do teu cinismo o crisol.
— Adeus! que vivo prazer!
Fico senhor do meu sol.
- E ao findar — affronta dura! —
Um ativo, outro implacavel,
Cada um dos dois murmura :
— Miseravel! — Miseravel!

O TEU OLHAR

NA minha alma, anseia um mar,
E, nesse mar immenso, brilha
O teu suave e claro olhar,
Deliciosa maravilha:

O teu olhar, puro e vibrante,
Em que, a um tempo, se contém
O amor ethereo dumã amante,
Junto no affecto dumã mãe.

Chego a scismar, chego a scismar,
Se Deus fundiu nesse arrebol,
Ao vir da noite, a luz do luar,
Ao vir do dia, a luz do sol.

Tirou dois astros do Universo
Uma piedosa mão celeste,
E elles surgiram, no teu berço,
No mesmo dia, em que nasceste...

A ALHAMBRA

(POR OCCASIÃO DOS TERREMOTOS)

A ALHAMBRA é a flor ideal dessas paragens,
Onde a desgraça neste instante habita :
Ali, se dirigiam as romagens
Da forte e dura gente ismaelita.

Ao fulgor doce e meigo das imagens
De Jesus e Maria, a Mãe bemdita,
Disse adeus aos leaes abencerragens,
Numa tristeza, virginal, constricta.

*

Ó pura e luminosa maravilha,
Que a lua envolve, em mantos de escumilha,
Pois que, então, não morreste de saudade,

Conserva a fronte immaculada e calma,
Embora sintas estalar a alma,
Aos gritos soluçantes da orphandade!

ANDORINHA

BATEU as azas e, pelo tranquillo espaço,
O vôo despredeu:
Vem, de longe, talvez poisar no teu regaço,
Ó doce lirio meu!

E só nesse refugio, immaculado e santo,
Ethereo e virginal,
É que hade achar de novo, — ó meu amado encanto!
O seu paiz natal. . .

A GIUSEPPINA GARGANO

(3 - 3 - 81)

—

I

COMO caem do ceu, no calix das violetas,
As lagrymas leaes e puras da manhan,
Assim, enches de sol a alma dos poetas,
Ó cantora gentil! ó suave castellan!
— És o orvalho do ceu, no calix das violetas.

II

Os astros immortales scintillam n'amplidão,
— Grandes lirios de luz, abertos pelo espaço...
Se o teu canto derrama em nosso coração,
Torrentes de harmonia, em languido compasso,
Os astros immortales scintillam n'amplidão.

III

Resurgem, á tua voz, dos tumulos antigos,
Os vultos ideaes das candidas crianças,
Ouve-se germinar serenamente os trigos,
Entreabrem-se no azul as limpidas esperanças,
Sae um grito de amor dos tumulos antigos.

IV

Chora oppresso de dôr teu seio que palpita,
Na emoção, que não morre e que se não define,
E surge, em torno a ti, a pleiade bemdita
De Gounod, Meyerbeer, Beethoven e Bellini,
Anciosos, a fitar no teu seio que palpita...

V

No diluvio sem fim das c'roas e das palmas,
Das rosas do Japão, das lucidas camelias,
Ficam-nos à boiar, suspensas, nossas almas,
— Um bando virginal de timidas Ôphelias. . .
No diluvio sem fim das c'roas e das palmas.

NIGRO VESTITA

CREPUSCULO, que innunda quanto existe...
Encimados nas verdes oliveiras,
Os melros soluçavam, em voz triste,
As suas cançonetas derradeiras.

Foi nessa hora solemne que me viste :
— Abraçavam-se ao muro as trepadeiras —
Numa tristeza, a que se não resiste,
Sobre os poços, choravam as figueiras.

No teu habito negro, airoso e largo,
Errava o meu olhar, profundo e amargo,
No misticismo ideal dum solitario...

E cingia, a tremer, teu seio puro,
Como, á noite, — vidente extranho, obscuro,
Roça o mocho no esguio campanario...

NINHO DE AGUIAS

A DELFIM DE ALMEIDA

NINGUEM habita no castello antigo,
Na rocha erguido e sobranceiro ao mar:
A hera ampara no seu braço amigo
A ruinaria, prestes a estalar.

Sepultura de heroes e santo abrigo
Dos mortos cavalleiros, — a brigar,
O vento, — inquebrantavel inimigo,
Quer fazel-o no oceano sossobrar.

E hade leval-o. Mas, no entanto, sobre
A dura pedra que, impassivel, cobre
Os que a Morte levou, na escura onda,

Fazem as aguias ninho, atalayando
Esse triste sepulchro venerando
Dos paladins da Tavola-Redonda...

MARGARIDAS

(NAS VARÊTAS DUM LEQUE)

GOËTHER, no *Fausto*, deu a Margarida
A formosura, a mocidade, o amor,
Banhou duma immortal e intensa vida
Aquella meiga flôr.

Deus, porem, no seu limpido esplendor,
Lembrando aquella timida innocencia,
Muitos annos depois, cheio de amor,
Creou Vossa Excellencia...

A CARLOS RELVAS

(NA MORTE DE SUA ESPOSA)

A mão rude e sombria do Destino
Prostrou-a, na passagem impiedosa,
Submergindo o seu vulto peregrino,
Da Morte na corrente misteriosa.

Irman amada e filha venturosa,
Aberto ao bem o seio diamantino,
Foi modelo de Mães e foi Esposa
Baixada de algum paramo divino.

« Voou-lhe a alma ás regiões celestes, —
Dizem chorando, — o corpo, entre os ciprestes,
Certo o embala algum tímido clarão... »

Mas os que ella amparava, enternecida,
Como um sonho de luz, durante a vida,
Hãode achal-a... no proprio coração...

NO COLO DA BÉBÉ

Ao ver essa criança, adormecida
No teu colo suave e alabastrino,
Vibra em mim como um cantico divino,
Duma santa saudade indefinida.

Era assim que eu dormia, quando a vida
Me envolvia num sonho cristalino:
Era assim que eu dormia, em pequenino.
Nos braços duma mãe estremecida.

Que doce quadro, meu amor! eu dava
Os altos ideaes, que fantasiava,
Em não sei que reconditos espaços,

A troço, simplesmente, da ventura
De ser a pequenina criatura,
Que adormece embalada nos teus braços.

TRAÇOS E ILLUMINURAS

À EX.^{ma} SR.^a D. JULIA LOPES

MINHA senhora e minha boa amiga,
O seu *bouquet* de lírios encantou-me,
E tenho orgulho, — deixe-me que o diga! —
Das palavras que poz, junto ao meu nome.

Achei um rastro da Poesia antiga,
Nessa doce leitura: mitigou-me
O animo alquebrado na fadiga
Da labuta diaria que consome.

Rebrilha, a cada pagina saudosa,
O suave perfume côr de rosa
Da sua alma, — deixe-me que o diga! —

E é assim que, lendo-o, ouvi uma harpa eolia,
Echoando entre folhas de magnolia...
Minha senhora e minha boa amiga!

VERSOS A TI

VERSOS a ti? eu sei apenas, doce amiga,
Que não ha um momento, em que eu te não bemdiga,
Um instante sequer, que a minh'alma não cante
Hossanas e canções, ao teu meigo semblante,
Onde um sorriso ideal e timido allumia
Os astros, quando é noite, e o sol em pleno dia.
Versos a ti? a ti? quasi não sei fazel-os,
Mas quando a tua mão passar nos meus cabellos

E quando o teu olhar fitar o meu, procura
Que hasde ver como a aurora affasta a noite escura
E como no meu peito explue radiosamente
O ardente coração, o rouxinol fremente,
Cuja rosea harmonia, então, como que anceia
O idilio virginal e a limpida epopeia!...

REFUGIO ETERNO

UMA dôr insondavel me tortura,
Meu amor ! meu amor ! e eu sinto apenas
Consolação e alivio ás minhas penas,
Na tua doce e virginal figura.

Por isso, é que a minh'alma te procura
E te bemdiz, irman das assucenas,
Com teu limpido olhar, tu asserenas
O immenso mar da minha vida escura.

Não sei porque, ao pé de ti, a Vida
É para mim ventura indefinida,
A dôr sombria bate as azas, vôa...

Não sei porque? Ah! na verdade eu sei-o:
Consola a gente o descançar no seio
Duma criança generosa e boa...

A UM POETA BRAZILEIRO

(L. G.)

EM pequenino, ouvia docemente
O canto dos escravos desolado,
E ia ver declinar o sol ardente,
No occaso tropical ensanguentado.

Nos olhos fluctuava-lhe dolente
Todo o meigo luar dum inspirado,
E o céo fitava, misteriosamente,
E a luz dos astros, num tremor sagrado.

Da Vida a tãciturna ventania
Jamais apaga as rosas da alegria
Da infancia, que inda ao longe nos surri...

Vêde! a esta ideia, anima-se, remoça,
E no silencio tepido da roça,
Ouve chorar a triste jurity...

M. C.

PASSOU! fugiu! voou! como se fosse
Uma aerea visão,
Banhado em luz o pequenino, o doce,
O meigo coração.

Orvalhae essa flor desfallecida,
Ó astros immortaes!
Choremol-a, ai de nós! É assim a vida...
Só lagrymas e ais!

SUB TEGMINE

A TRAVEZ das copadas ramarias,
Cantava a alegre multidão alada,
Numa expansão de claras harmonias,
Vibrantes como a luz da madrugada.

Ao longe, echoava a múrmura levada,
No moinho, erguendo as vélas fugidias :
Ondulava das searas a esplanada :
Batia o sol nas broncas penedias.

Baixando, meiga, o olhar suave e modesto,
Aureolada de um sorriso honesto,
Numa tímida e santa embriaguez,

— Em que pensas ? — disseste-me, hesitante...
E foi então, — abençoado instante ! —
Que eu te beijei pela primeira vez.

CREPUSCULO

EM tu sendo velhinha, se estenderes
Os olhos pela quadra em que vivemos,
Presos no laço de ideaes extremos,
Formando um ser, composto de dois seres,

Passará lentamente na tua alma,
Como echo de musica divina,
Em ambiente ideal de balsamina,
Um som de mocidade, ingenua e calma.

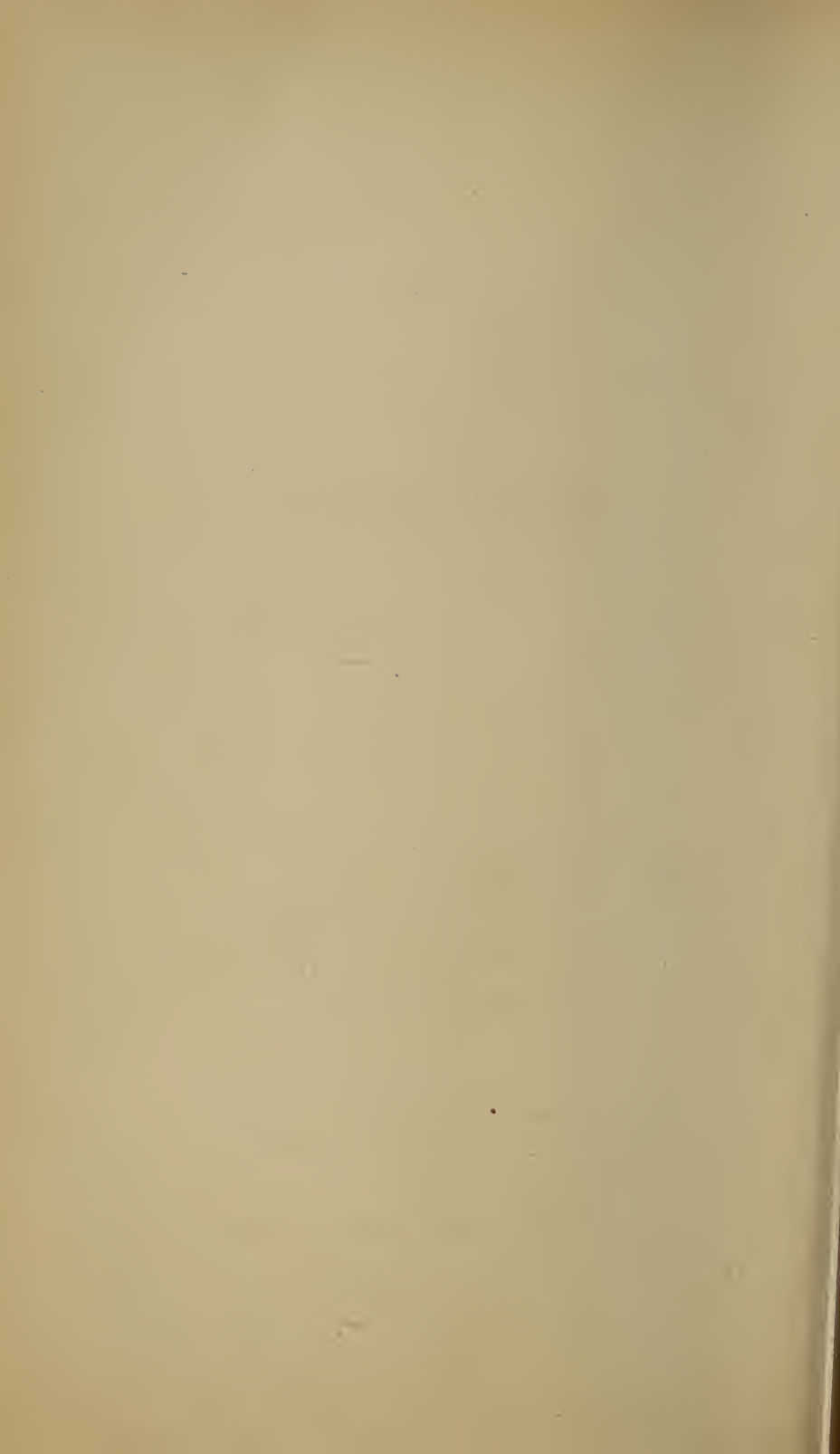
E verás, entre as brumas do passado,
Como sorriso palido da sorte,
Um vulto, já levado pela morte,
Um vulto, *que fui eu*, o teu amado.

Hasde vel-o, no intimo do peito,
Como lampada, em templo solitario,
E chorarás o triste visionario,
No silencio dos tumulos desfeito.

Expirou, porventura, murmurando
Uma prece, — o teu nome estremecido,
— Unção de luz e ultimo gemido
Duma existencia, aos poucos, desmaiando.

E pela face, encarquilhada e branca,
Que outrora o meu olhar encheu de rosas,
Hãode rolar-te as lagrymas saudosas,
Que ninguem, neste mundo, nos estanca.

As lagrymas consolam. São na vida
Um balsamo infinito de saudade;
Caem, dentro da alma dolorida,
Como a expressão suprema da piedade...



POR MUNDOS ENCANTADOS

A FERNANDO PALHA

NA camara elegante e setinosa
Dessa meiga criança, que estremeço,
E a quem, da sombra do meu nada, peço
Uma suave palavra misteriosa,

Nadam brandos perfumes côr de rosa,
Duma essencia ideal que desconheço...
E todavia eu, forte, impalideço,
Nos humbraes dessa estancia religiosa.

Lembra-me a infancia minha, — quando eu era,
Pela mão vaporosa da Chymera,
Conduzido ás regiões immaculadas,

Em que ha rios de luz, montanhas de oiro,
E'aromas de lilaz, de myrtho e loiro,
No silencio das noites constelladas...

BISAVÓ

A MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ESSA doce velhinha, a quem a Morte
Deixou, piedosa, na sua paz sagrada,
Fel-a o capricho original da Sorte
Mãe tres vezes, — amiga e idolatrada.

Que longa vida e que ditoso norte!
Estrellas sempre, na florida estrada:
Nenhuma nuvem que a ventura corte:
Certo a protege uma invisivel fada.

Como rosa do monte que as abelhas
Cercam, zumbindo, num murmúrio ardente,
As creancitas, frescas e vermelhas,

Beijam á bisavó a mão tremente,
E ella, cheia de rugas e de engelhas,
Chora e surri deliciosamente...

PRECE ROMANTICA

—

I

LENTO, esmorece o dia...
A noite cae, sombria.

II

Deixaram de cantar
As aves, pelo ar.

III

Branços, — da côr dos cirios,
Vão desmaiando os lirios.

IV

O mar, no leito enorme,
Como que em sombras, dorme.

V

E os rios, a chorar,
Caminham para o mar.

VI

As arvores gigantes
Oscillam supplicantes.

VII

Um rouxinol, ao longe,
Soluça, obscuro monge.

VIII

Ó minha flor celeste !
Ó pomba ! que me deste

IX

O espiritual incenso
Do teu amor immenso,

X

Ó alma aberta ao bem !
Ó minha amada ! vem

XI

Encher da claridade
Dessa infantil bondade

XII

A vasta escuridão,
Que gela o coração...

XIII

Torna, instantaneamente,
O azul resplandecente,

XIV

Numa harmonia extranha,
Dulcissima, tamanha,

XV

Que deixe, emfim, submerso
Em luz — todo o Universo !

BETHINA

TENHO um anseio unico: soubesse
Eu formulal-o, meu amor! seria
Cada silaba — *apenas* uma prece,
Um poema ondulante de harmonia.

Como um sonho adorado, que esmaiece,
Um sonho de ventura fugidia,
Assim essa chymera impalidece,
Se a palavra a traduz, gélida e fria...

Como é que o lirio pede á madrugada
Que a sua etherea luz abençoada
Doire o Universo, esplendorosamente?

Ensina-me esse idioma cristalino,
E eu dir-te-hei depois, lirio divino,
O aneio vivo que a minh'alma sente. . .

MADRIGAL

QUANDO eu avisto a doce, a graciosa
Vivenda tua, canta no olival,
Em frente dessa casa misteriosa.
A toutinegra mais cariciosa,
E, ao mesmo tempo, mais sentimental...

É minha amiga, e tanto, que mal sente
Os meus passos, ao longe, cil-a a cantar,
Sem mais requebros, espontaneamente,
Um *schérzo* brando, virginal, dolente,
Que vai subindo, e que embalsama o ar.

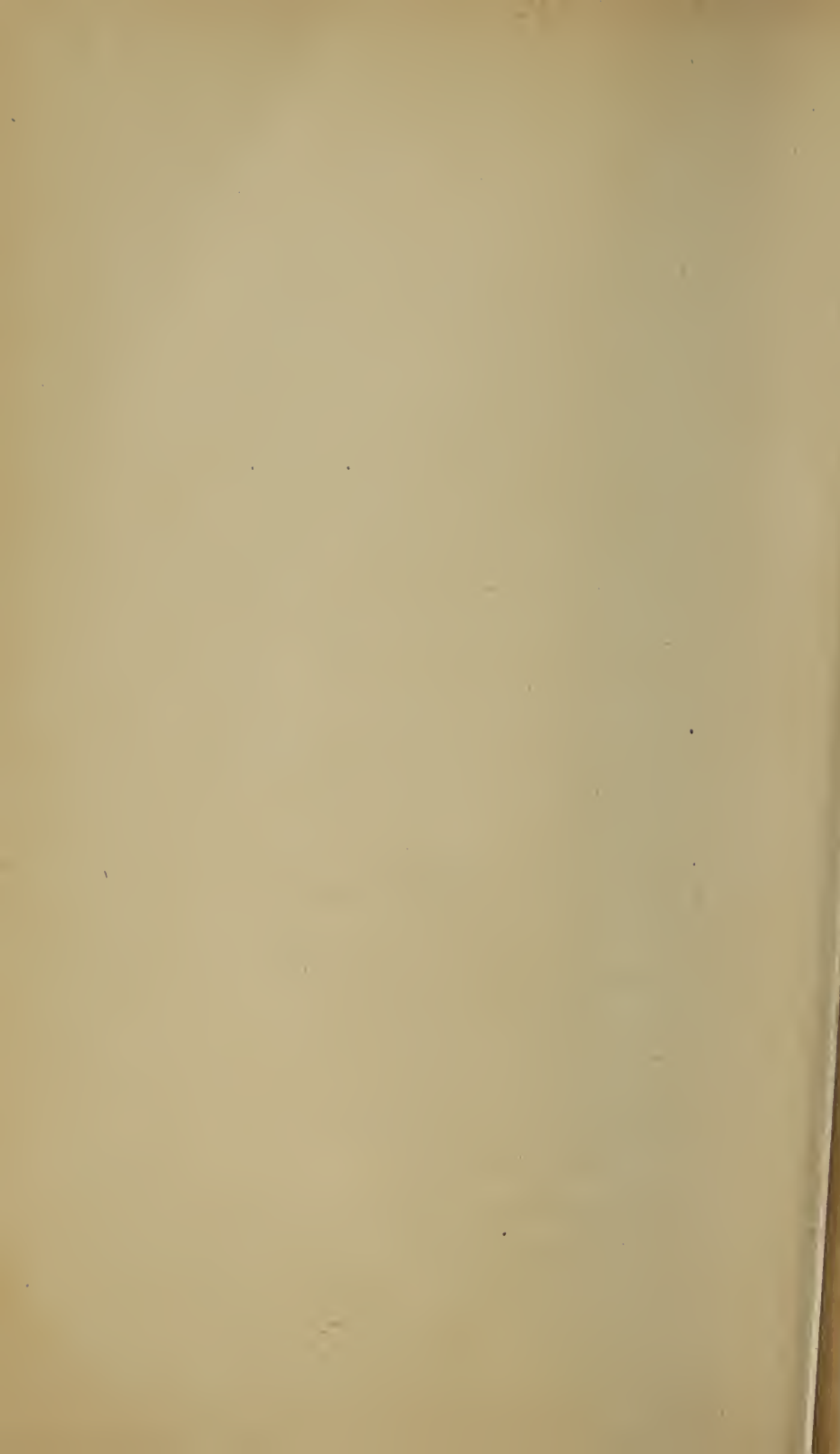
Decerto, um dia, minha bem amada,
A tua voz, mansa como um perdão,
Ouvida foi dessa avesita alada,
Que me repete, em musica adorada,
As provas de tamanha indiscrição. . .

NUMA PETALA DE ROSA

... ó piedosa, ó doce...

Salve-Rainha.

A CARIDADE passa, etherea,
— Doce luar do coração!
E brilha junto da Miséria,
Como, nas trevas, um clarão...



ENTRE NEVOAS

FIZESTE-ME sorrir, — pomba adorada! —

Fizeste-me sorrir...

(Apparição! surgias-me, encantada,
Num remoto porvir.)

Fizeste-me chorar, — bemdita sejas! —

Fizeste-me chorar...

(Ó véla errante! é assim que tu alvejas,
No solitario mar.)

Mas não surri, depois, quando passaste,
Nem solucei tambem...

(— Dize tu, Rouxinol — : porque choraste,
Entre as sebes, além?! —)

RIMAS SIMPLES

São de hontem, e são da historia
Do nosso roseo passado,
As horas que eu, na memoria,
Guardei, — precioso legado.

A aza negra da Morte
Pairava, ao perto. . . No emtanto,
Eu confiava da sorte
O lirio timido e santo.

Que terna melancolia,
Nos seus sorrisos honestos!
Quando eu a olhava, surria,
Baixando os olhos modestos.

E eu sentia, dentro d'alma,
O rastro puro e suave
Dum vôo candido de ave,
Na altura, placida e calma.

Ao longo dos arvoredos,
Divagavamos sósinhos,
E ouviam nossos segredos
Os melros, dentro dos ninhos.

Quando o sol a terra doura,
Com um fulgor inda incerto,
Nós iamos ao concerto
Da cotovia e da aurora.

E se eu, mudo, contemplava
Aquellas rúmuras festas,
E, indolente, respirava
O rude aroma das giestas,

Ella, — a casta formosura,
O assombro dos grandes mestres, —
Perdia-se na espessura,
Colhendo amoras silvestres.

E, ao voltar, illuminando
Os caminhos orvalhados,
Tinha no olhar doce e brando
Efluvios immaculados :

E dizia : — Vem comigo,
Além dos verdes outeiros,
Sentar-te, meu bom amigo,
Á sombra dos castanheiros.

Vamos ouvir as cantigas
Das avesitas em bando
E das joviaes raparigas,
Que vão cantando, cantando... —

E eu dava-lhe o braço, então,
De forma a ter collocada
A sua mão delicada,
Por sobre o meu coração.

Nos largos campos, vestidos
Das roupas da Primavera,
Que de castellos erguidos,
Pelos jardins da Chymera!

Que indscriptiveis poemas
Divinos, misteriosos!
Eu resolvia problemas,
Nos seus suspiros saudosos.

E, á luz dos seus olhos pretos,
Vibrantes, cheios de affago,
Elaborava sonetos,
Num tom ossianico e vago.

Choviam rimas preciosas
Das ramarias em flor :
No seio branco das rosas,
Nadava um filtro de amor.

.
.
.
.

De longe, muito de longe,
Occulto entre os pinheiraes,
Eu heide, sombrio monge,
Ir ver os seus funeraes.

E deixarei a alma presa
 Á cova, onde, ella ficar,
Como uma lampada acesa,
 Illuminando um altar!

IGNOTA DEA

A JOÃO PENHA

Dos teus olhos a languida volata
Acompanha dum tom misterioso
A tua voz suavissima de prata
E o teu doce perfil religioso.

Se uma luz, branda e meiga, se desata
Do teu vulto franzino e vaporoso,
Nossas almas tranquillias arrebatada,
— Andorinhas num vôo rumoroso.

Eu procuro-te, e vejo-te, e contemplo,
Em torno a ti, a immensa paz dum templo,
Em que as palidas santas medievaes,

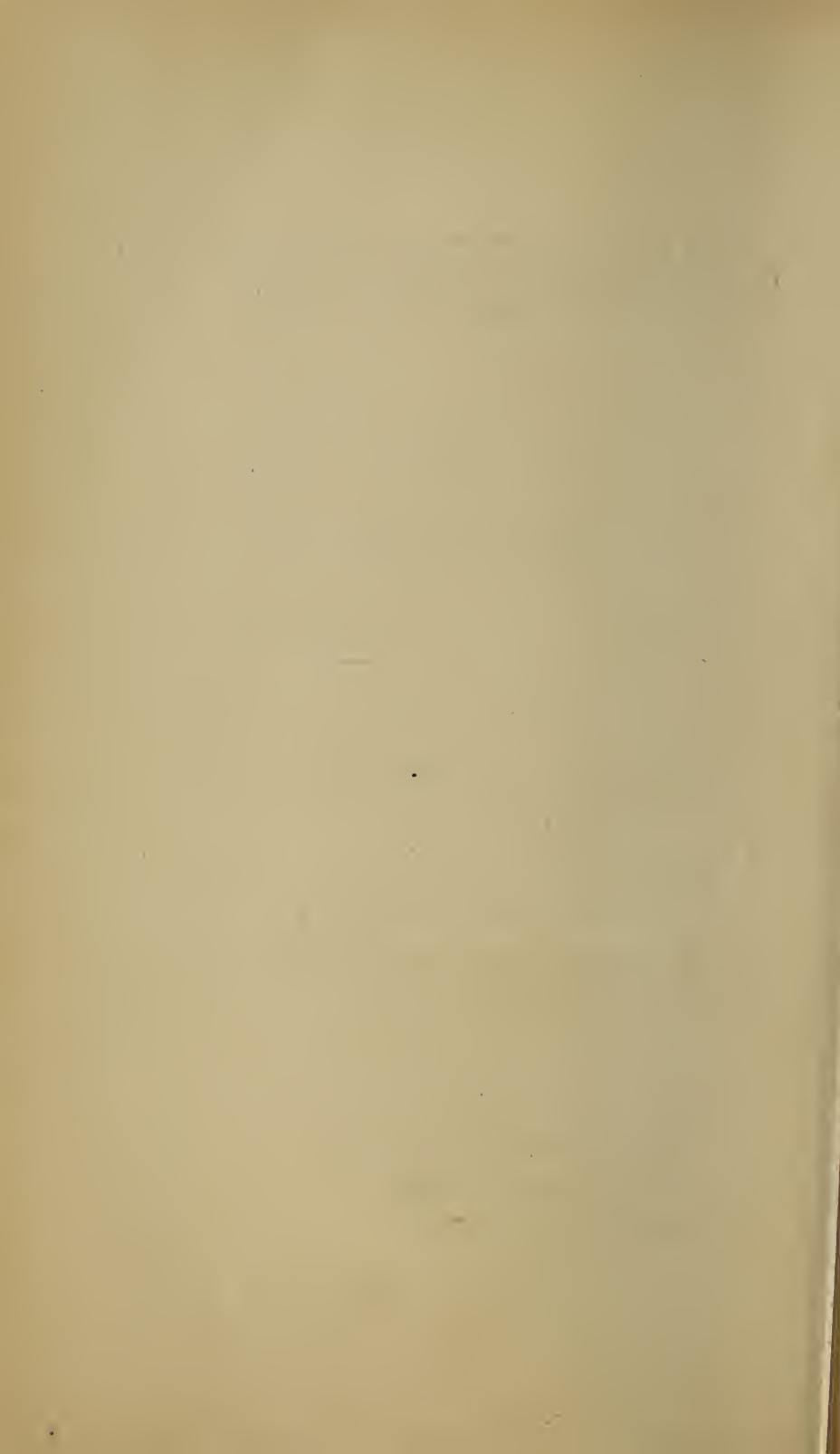
Vão, á noite, sombrias, suspirando,
Atravez das abobadas, olhando
O clarão das estrellas immortaes...



CONTEMPLATIVA



SEGUNDA PARTE





VISÕES DA NOITE

A ANTHERO DE QUENTAL

QUANDO o somno me invade, e eu, de cansado,
No somno afundo as attribuições,
Vem sentar-se, piedosas, a meu lado,
Umhas doces, santissimas visões.

Meu Pae e minha Mãe, grupo sagrado,
Minhas pobres Irmans, alvos clarões. . .
Choram todos, e sinto-me emballado
Em puras e leaes consolações.

Então radia, a palpitar de esp'rança,
Dentro em meu peito um arco-da-alliança,
Que lhes enxuga os prantos doloridos...

Fitamo-nos calados. E, acordando,
Eu sinto a alma mergulhar, sonhando,
No echo dos seus ultimos gemidos...

CIRCULO DANTESCO

(31 DE MAIO)

PASSA, em meu coração, um vento frio
De desanimo e duvida. Amanhece
No bosque mais cerrado e mais sombrio...
Só, dentro em mim, a Noite permanece.

Boia-me a alma pelo escuro rio,
Em que a morta ventura nos esquece...
O meu sonho de amor e luz perdi-o,
Como visão que, aos poucos, esmaece.

Palidamente, um unico momento
Que uma estrella, em remoto firmamento,
Doirasse a nua immensidade absorta

Da minh'alma curvada e combatida,
Seria como aurora indefinida,
Allumiando uma cidade morta!

MINHA IRMAN

(G.)

AO SR. FERDINAND DENIS

PALIDA, como noiva adormecida,
As mãos em cruz, um lírio branco ao peito,
Nos labios a expressão mais dolorida,
Sobre um sorriso de candura feito ;

Nessa tímida aureola cingida,
Entraste immovel no caixão estreito,
E eu sinto, a espaços, vacillar-me a vida,
Choro tremendo no teu pobre leito.

Rosa de luz, não mais no teu regaço
Repousarei meu trémulo cançasso,
Sob o manso calor dos olhos teus. . .

Serenamente, vaes entrar na cova,
E assim tão boa, tão leal, tão nova,
Porque nos foges? Minha irman, adeus!

O RETRATO

AO CONDE DE SEISAL

No meu quarto de estudo, existe emoldurada,
— Airosa e senhoril, —
Uma doce mulher, de fronte immaculada,
Muitissimo gentil.

Foi num leilão: comprei, já dentro da moldura,
Essa belleza ideal,
Que, vestida de branco, é imagem da mais pura
Rosa primaveral.

Na fronte virginal, de candido alabastro,
Decerto se esbateu
A religiosa luz serena de algum astro,
Moribundo no ceu.

Quem será? Certo é do seculo passado,
Senão, é reparar
No vistoso primor do farto penteado,
No modo de trajar.

Numa poltrona, vê-se o manto de velludo
Vermelho carmezim...
Ha como um abandono, inexplicavel, mudo,
Em todo o camarim.

Ali, não se revela o Eterno-feminino,
Porque a mão do pintor
Apenas quiz dar vida ao vulto peregrino...
O resto é sem valor.

Mas, em compensação, ah! quanto se resume
Naquelle suave olhar!
Que harmonia de luz, que timido perfume,
Que candido luar!

Por alguém pulsaria, alegre e venturoso,
Aquelle coração?
Quem a cingira um dia, em extasis saudoso,
Quem lhe beijara à mão?

Nada a tela me diz, soberba, envaidecida
De no seio acolher
A formosura ideal, que ali ficou com vida,
Já depois de morrer.

Numa noite cruel, em que eu, dilacerado
Dos golpes mais crueis,
Procurava um refugio, amigo e abençoado,
Nos meus versos fieis;

Evocando, tremente, a musa da Elegia,
Em cuja inspiração
Ha segredos fataes de tragica harmonia,
Num funebre clarão,

De subito entrevi, encostada ao meu hombro,
Uma visão dos ceus,
Que me fez vacillar e enternecer de assombro,
Que lia os versos meus.

Voltando-me a tremer, essa doce figura
Vi-a acabar de entrar,
Na morada gentil da nitida moldura,
Com lagrymas no olhar...

NO CALVARIO

AO SR. ERNEST RENAN

I

ERA o doce Jesus na hora da agonia,
De sangue Magdalena enodoava as tranças,
No madeiro fatal, sereno esmorecia
O ethereo protector dos bons e das creanças.

Ensanguentado e torvo, o sol escurecia,
A folha não brilhava olympica das lanças,
Escutava-se o arfar convulso de Maria,
Vinham poisar na Cruz bandos de pombas mansas.

Os Ladrões blasfemando, em convulsões estranhas,
Maldiziam a terra, os lirios, as montanhas,
Na mesma imprecação, seus gritos confundindo...

Mas Elle stoicamente, o olhar circumvagando,
Alheio á propria dôr, num mundo ideal scismando,
Ficou até morrer, suavissimo — sorrindo!

II

Pendia, extenuado, a immaculada fronte
O Vidente sublime e augusto da Verdade,
Rugiam os trovões, no livido horisonte,
Ia tombando lenta a immensa escuridade.

Oscilava na base o tenebroso monte,
Os verdes olivæes choravam de piedade,
E a Vida se evolava, ao seio, que era fonte
De Amor universal e de Fraternidade.

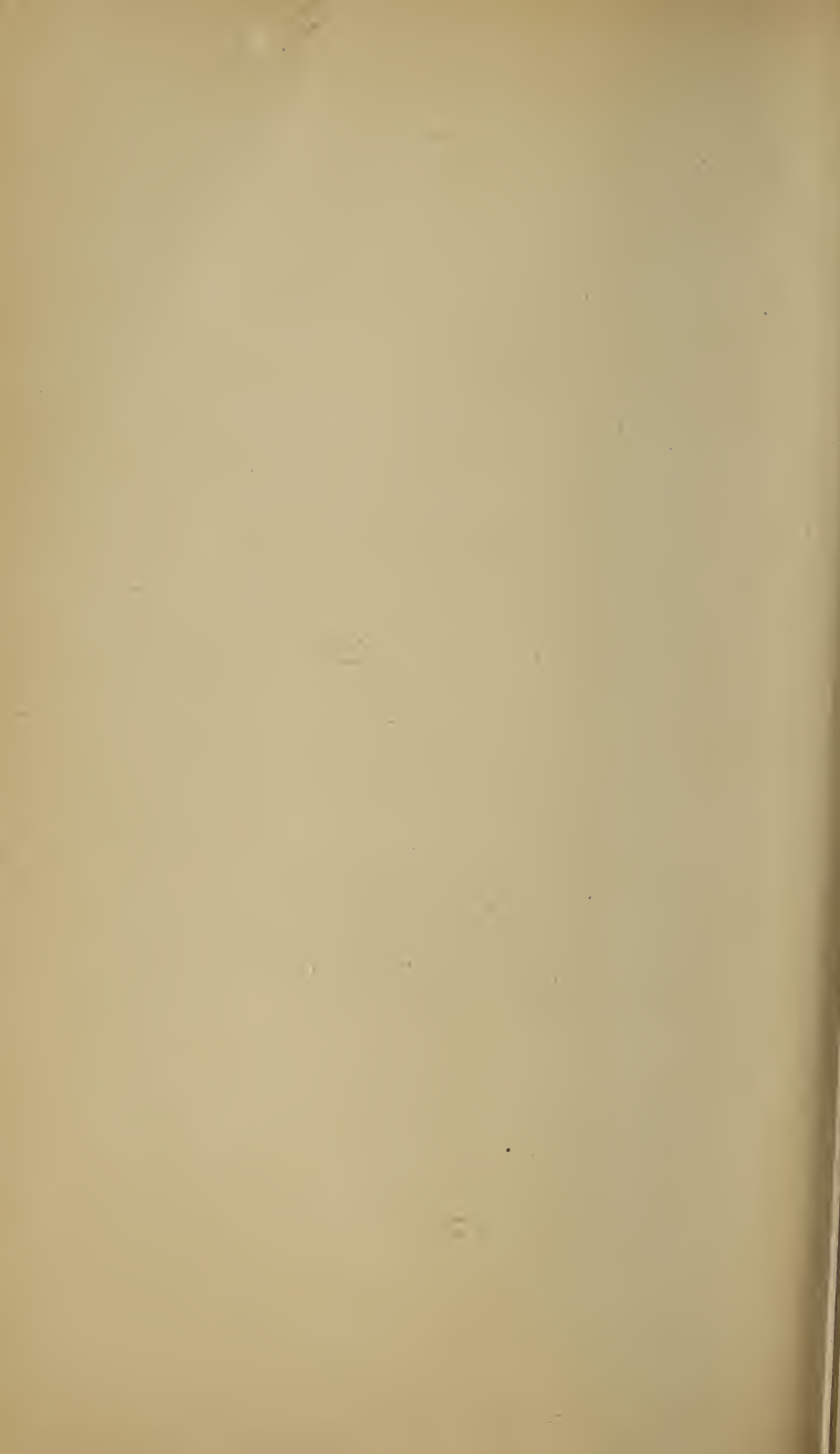
Chegara finalmente, o instante misterioso :

— « Perdoa-lhes, meu Pae ! » murmura o desditoso,
Os olhos distendendo ao longo do infinito...

E immovel se tornou, exanime, gelado,

Quem sabe se escutando o clamoroso brado

Do eterno Prometheu, nas rochas de granito !



CONFUGIO

A F. ADOLPHO COELHO

NAS florestas veladas, em que o vento
Passa entoando um psalmejar augusto,
É lá que, ás vezes, de cançado, intento
Tornar de novo o animo robusto.

Se os olhos ergo, só distingo a custo,
Uma sombra de azul do firmamento...
Como na paz do coração dum justo,
Mergulha-se o meu vago pensamento.

Ha ali como um crepusculo choroso,
Cahindo lentamente, religioso,
Numa longinqua e trémula tristeza...

Ha ali, nessa mudez, austera e calma,
Alguma coisa que nos prende a alma
Á santa communhão da Natureza...

O EREMITA

A CAMILLO CASTELLO BRANCO

NUMA gruta vivia, desolante,
Na asperesa cruel da rocha fria:
O seu piedoso olhar, suave e amante,
Duma funda tristeza se tingia.

Por ínvios matagaes passava, errante,
Buscando o eterno bem, o eterno Dia.
— Como o sombrio e taciturno Dante,
Á Cidade festiva elle ascendia.

Um dia, que parara, contemplando
A redemptora Luz, que ia guiando
Seus passos pela agrura dos desertos,

Cahiu, sem vida, no caminho agreste,
Os olhos tristes, idealmente abertos,
Como seguindo uma Visão celeste!

CARTA AO MAR

A VALENTIM DE MAGALHÃES

Tu, que banhas as ilhas e os rochedos,
Pomba e leão, cordeiro e jaguar,
Que profundos, incognitos segredos
Guardas em ti, maravilhoso mar?!

Eu, que nestes miserrimos degredos,
Á romantica luz crepuscular,
Oiço ainda, atravez dos arvoredos,
Os profeticos druidas a cantar.

Quando te fito, ó sonhador sagrado!
Procuro em ti, de balde, o illuminado
Palacio de columnas de marfim,

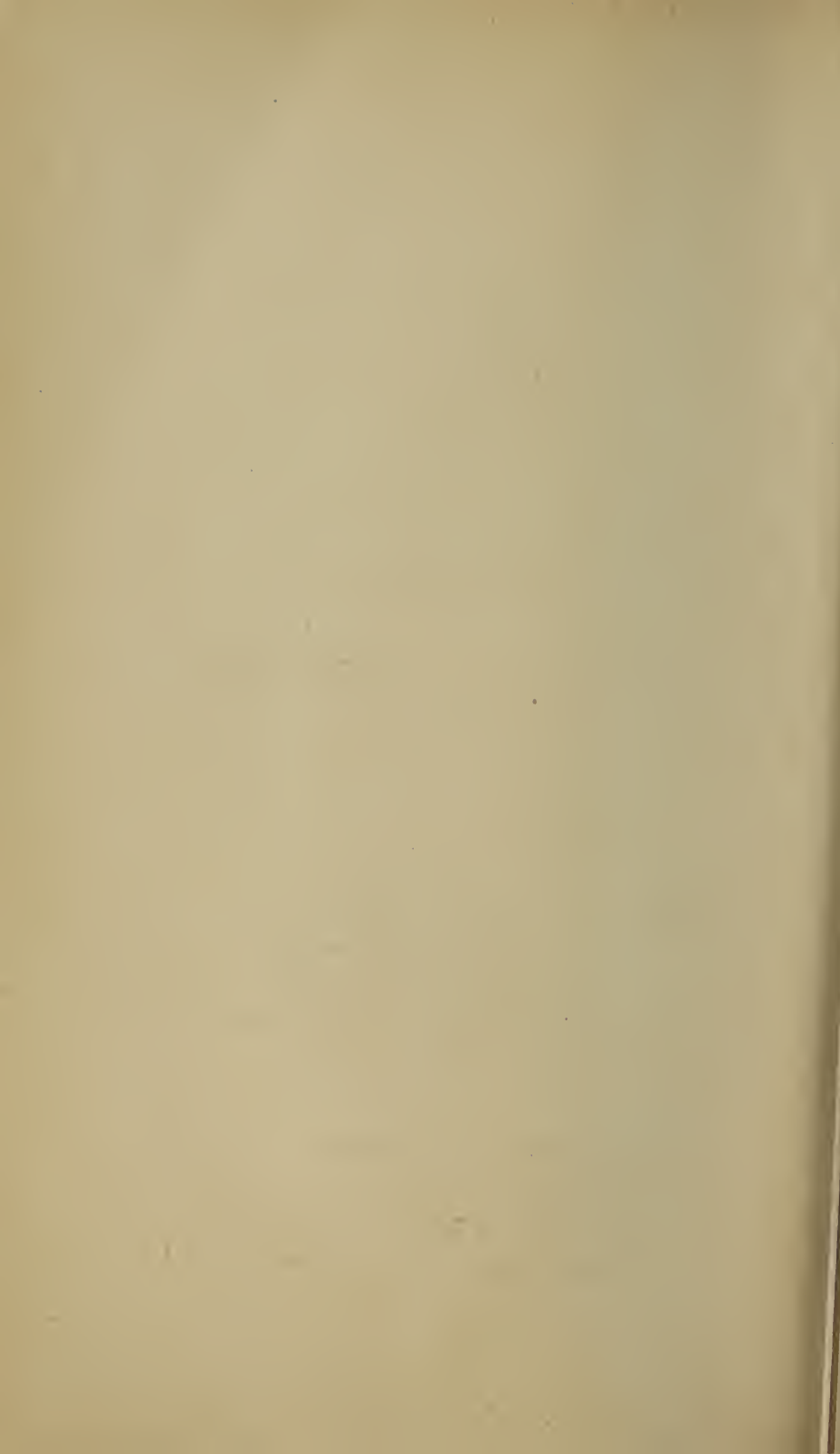
Em que habitam as timidias ondinas,
E sobre cujas torres cristalinas
Esvoaçaria o meu sombrio *spleen*...

SEMELHANÇAS

A AD. DE CEULENEEK

Como de estrellas semeando
A curva immensa da amplidão,
Um deus, que fosse caminhando,
Aureolado num clarão,

Assim, a austera Consciencia
Faz explender milhões de soes,
Na cristalina transparencia
Da alma augusta dos heroes...



AOS MONTES

A ANTHERO DE QUENTAL

Ó PULPITOS heroicos, levantados,
Como uma altiva, tragica ironia,
Aos espaços, azues e constellados,
Donde a luz cae na terra escura e fria,

Ó pulpitos heroicos e sagrados,
Que Vidente solemne soltaria
O seu verbo de accentos inspirados,
Da vossa altura épica e sombria?

Voam as aguias triumphaes, no espaço,
O ceu é pavoroso, algido e baço,
Como um olhar inerte, endurecido...

Só me respondem musicas extranhas...
É que o Vento galopa nas montanhas,
E passa... como eterno perseguido!

O MISSAL DO MONGE

AO SR. GASTON PARIS

ALHEIADO da marcha das Idades,
No frontão duma antiga cathedral,
Batido pelos soes e tempestades,
Fitava um Monge as folhas dum missal.

Nesse livro, sombrio, de granito,
Lia os psalmos tristissimos da Dôr:
As estrellas choravam no infinito,
Vinham da terra emanações de amor.

Fundiam-se no aroma, que das plantas,
Ia subindo, manso e virginal,
Os suspiros meiguíssimos das santas,
Nas naves da severa cathedral.

Vinham os noivos, a vibrar de esp'ranças,
Cheios de luz os roseos corações,
Passavam as risadas das crianças,
Lançavam-se nas vallas os caixões.

Mas o Monge de aspecto imperturbavel
A fronte scismadora, esculptural,
Pendia sobre o livro, inquebrantavel,
Na mudez da sombria cathedral.

Ha mil annos, ficara embebecido
No livro da Amargura, a solettrar:
— Ao longe o mar chorava, enternecido,
— Rugia ao longe, pavoroso, o Mar.

E as Idades crueis iam passando,
— Aguias reaes com vôo triumphal,
E o santo Monge o livro contemplando,
Immovel, na vetusta cathedral.

Mas um dia chegou, emfim, um dia
Que uma ave poisou, — beijo de amor,
Sobre o livro de pedra, que attrahia
O ascetico e solemne sonhador.

Parando, ali, tão longe do seu ninho,
Sobre as folhas silentes do missal,
Entoou canções brancas, como arminho,
No gelado frontão da cathedral.

E, o vôo levantando, corta o espaço,
Como um rapido sonho que passou:
Brilhava a Lua, inerte de cansaço,
Somnambula de amor que desmaiou.

Sente o Monge vibrar de enternecida
A alma sequiosa de ideal,
E, alongando os seus olhos pela Vida,
Cae-lhe das mãos o rígido missal...

NOSTALGIA ARTISTICA

A RICHARD F. BURTON

A FORMA, — esse incoercível verdugo,
Contra o qual, esforçado combatente,
Eu tantas bagas de suor enxugo,
Neste duro combate resistente;

A Forma, — esse tyranno que eu subjugo,
Com a energia da victoria ardente,
E que me prende, apesar disso, ao jugo
Do seu capricho inexhoravelmente;

A Forma não me dá, não, todavia,
A matinal, a vívida alegria,
A confiante, a luminosa esp'rança,

Côm que avisto, sorrindo-me fagueira,
A legião vandalica e guerreira
Dos meus versos errados de criança...

CELESTE

SE tu perpassas, flôr! e a lucida harmonia
Do teu andar vibrante, augusto e virginal,
Faz no espaço esquecer a alada simphonia,
Que solta pelo azul a orchestra matinal,

Eu que sinto no peito um regelado hynverno,
Que me annuncia a morte, a noiva que me espera,
Julgo ainda encontrar, — ó Soffrimento eterno!
Os aromas, os sons e a luz da primavera...



D. QUIJOTE

A KARL VON REINHARDSTOËTTNER

DE escudo alevantado, combatendo
A vilania, que na terra grassa,
O opprimido e o fraco defendendo,
O heroe manchego, solitario, passa.

Procura os tristes, os que estão soffrendo,
Os vencidos eternos da desgraça,
E ao vento erguida a lança, num crescendo,
O seu chapéo de plumas esvoaça.

O inutil Sancho, vil e chocarreiro,
Não te percebe, rude cavalleiro,
Sombrio e taciturno visionario...

Ninguém te escuta, que a ninguém pões medo ;
Uma duzia de seculos mais cedo
Era a tempo : morrias no Calvario !

LIRIO BRANCO

DESABROCHASTE na cova
Da mais doce criatura,
Como rompe, em noite escura,
O disco da lua nova :

Na terra, tiveste em sorte
A seiva da flor pendida...
A Morte é o foco da Vida,
A Vida nasce da Morte!



ÁS ARVORES

AO SR. KARL GOLDBECK

Ó ARVORES curvadas de tristeza,
Que mão vos ha plantado? quem seria?
Que luminosa e timida princesa,
Sob as vossas ramagens vaguearia?

Quem na sombria e aspera devesa,
Á vossa triste sombra scismaria?
Nessa inerte, indolente morbidez,
Que funda e melancolica elegia!

Nem um unico astro desolado
Interroga, talvez, vosso passado,
Que na noite dos tempos se perdeu...

Ó arvores leaes! santas amigas!
Sereis vós porventura mais antigas
Que as estrellas que vemos pelo ceu?

INVOCAÇÃO Á LUA

AO COMTE TH. DE PUYMAIGRE

Ó BRANCA apparição immaculada,
Refugio ideal dos corações plangentes,
Tão romanticamente perfumada
Do aroma ethereo das canções dolentes,

Silphide nua, encantadora fada,
Porque, — dize, cruel! — porque consentes
Em ser a terna Musa namorada
Dos bardos liriaes e transcendentés?

Pois não era melhor, na paz augusta
Da escura noite, ergueres-te robusta,
E aos que te cantam, palidos, famintos,

Mostrar como o teu seio inda irradia,
Chamando á vida os teus vulcões extinctos,
Como um facho sangrento de ironia?!

IN AMARITUDINE

—

I

HABITO num convento. Se soubesses
Como no claustro, á noite, eu oiço as preces
Das almas a chorar...
— No coração, então, se me alevanta,
Como uma hostia immaculada e santa.
A luz do teu olhar... —

II

Passam, ao fundo, os Monges macerados,
Como tristes fantasmas evocados,
Com tragico fulgor.
— Na alma, eu sinto luminosamente
O reflexo dulcissimo e tremente
Do teu celeste amor... —

III

Deslisam negros vultos recciosos,
Entreabrem-se, brancos e amorosos,
Os tépidos jasmims,
— E eu contemplo o clarão, cheio de esp'rança,
Do teu divino rosto de creança,
Ó flor dos meus jardins! —

IV

Chora a timida Virgem. tendo ao lado
O palido Jesus, amortalhado
 No seu branco sendal,
— E eu scismo na brancura do tecido,
De que hade ser talhado o teu vestido
 De festa nupcial... —

V

Reina um silencio religioso e augusto,
Fluctua a Paz do coração dum justo,
 Na vasta solidão,
— E emballa-me a cadencia melodiosa
Com que bate, numa ancia misteriosa,
 Teu pobre coração. —

VI

Cresce a hera, de em torno aos velhos muros,
Avassalando os capiteis escuros,
Pouco a pouco, subtil...
— E eu entrevejo uns braços, que me prendem,
Os teus braços leaes, que se me estendem,
— Num impeto infantil... —

VII

Uma alampada oscilla tremulante,
Como sombrio pendulo hesitante,
Quasi que a esmorecer...
— Traz-me o vento as palavras, que eu te ouvira,
Como acordes longinquos duma lira,
A tremer, a tremer... —

VIII

Rasga-se, ampla, uma cova que convida

Os que andam exilados pela Vida...

Como que lhes surri...

— Lirio celeste! aonde é que te escondes?

Onde estás? onde estás? não me respondes?

Já te não vejo a ti... —

SOLEMNIA VERBA

A JOÃO DE DEUS

As illusões que eu tinha, e que voaram,
Andorinhas na tetrica amplidão,
Se, por vezes, eu julgo que voltaram,
É deserto o seu ninho, — o coração.

Quando, alta noite, julgo contemplal-as,
Cariciosas, sorrindo-se a meu lado,
Já lhes não oiço as incantadas falas,
Já lhes não sinto o aroma delicado.

Serão ellas ? Não sei ; depois, em bando
Vejo-as seguir, serena e brandamente,
Um vulto que caminha contemplando
Alguma coisa etherea e transcendente.

Vae soletrando um mistico destino,
Procura o seu porvir no sete-estrello,
A estrella da manhan canta-lhe um hymno,
Das nuvens sobre o trémulo castello.

Conheço-o. É moço o pobre caminhante,
Tem a Fé que pêntra a mocidade,
E na alma brotou-lhe vicejante
O immaculado lirio da Verdade.

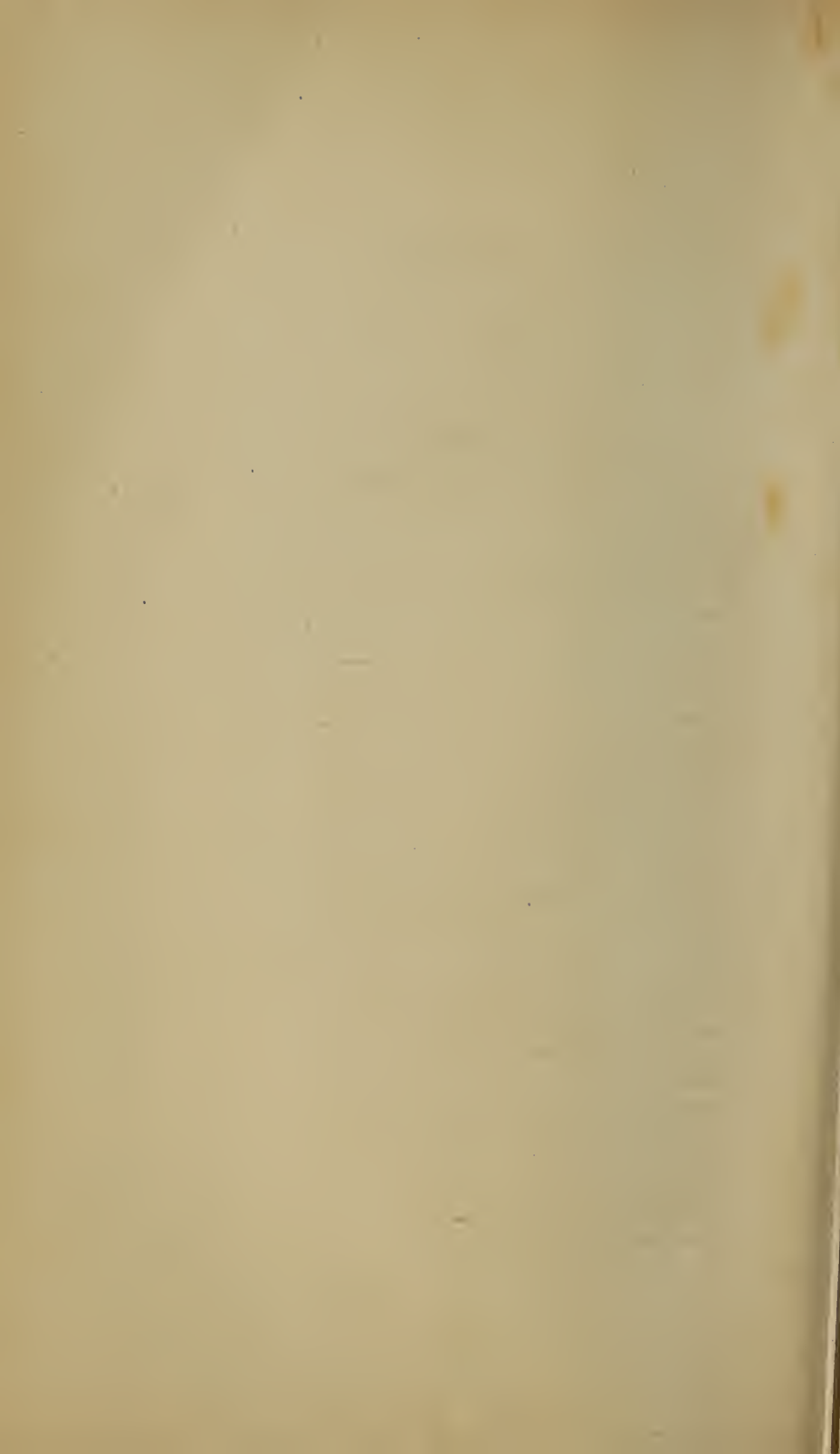
Vejo-o assistir a luctas ignoradas,
Amar e ser amado, num momento,
E passar entre as sébes orvalhadas,
Com astros 'immortaes no pensamento.

E leio em seus escudos de combate
O lemma inquebrantavel do Dever,
Oiço-lhe o coração, como em rebate,
Na agonia dum intimo soffrer.

De chofre, sinto que lhe inunda a alma
Um silencio cruel de sepultura :
Rompe a noite estrellada, funda e calma,
Como um sonho de amor e de ventura.

Vou abraçal-o, beijo-o no cabello,
Sinto os seus labios tristes suspirando,
E *alguem*, que eu não diviso, diz chorando:
« Só tu sabes no mundo comprehendel-o... »





INDICE

ARABESCOS

PRIMEIRA PARTE

	Pag.
Cheia de graça	7
Nos annos da Condessa	11
Consoladora	13
Parenthesis de luz.	17
Numa festa escolar	19
Canção	23
As tuas cartas.	25
A uma artista.	29
Ruinas	31
Duas grandezas	33
O teu olhar	37
A Alhambra	39
Andorinha	41
A Giuseppina Gargano	43
Nigro vestita	47
Ninho de aguias	49
Margaridas	51
A Carlos Relvas	53
No colo da Bébé	55
Traços e illuminuras	57
Versos a ti	59
Refugio eterno	61
A um poeta brasileiro	63
M. C.	65
Sub tegmine	67
Crepusculo	69
Por mundos encantados	73

	Pag.
Bisavó	75
Prece romantica	77
Bethina	81
Madrigal	83
Numa petala de rosa	85
Entre nevoas	87
Rimas simples	89
Ignota dea	95

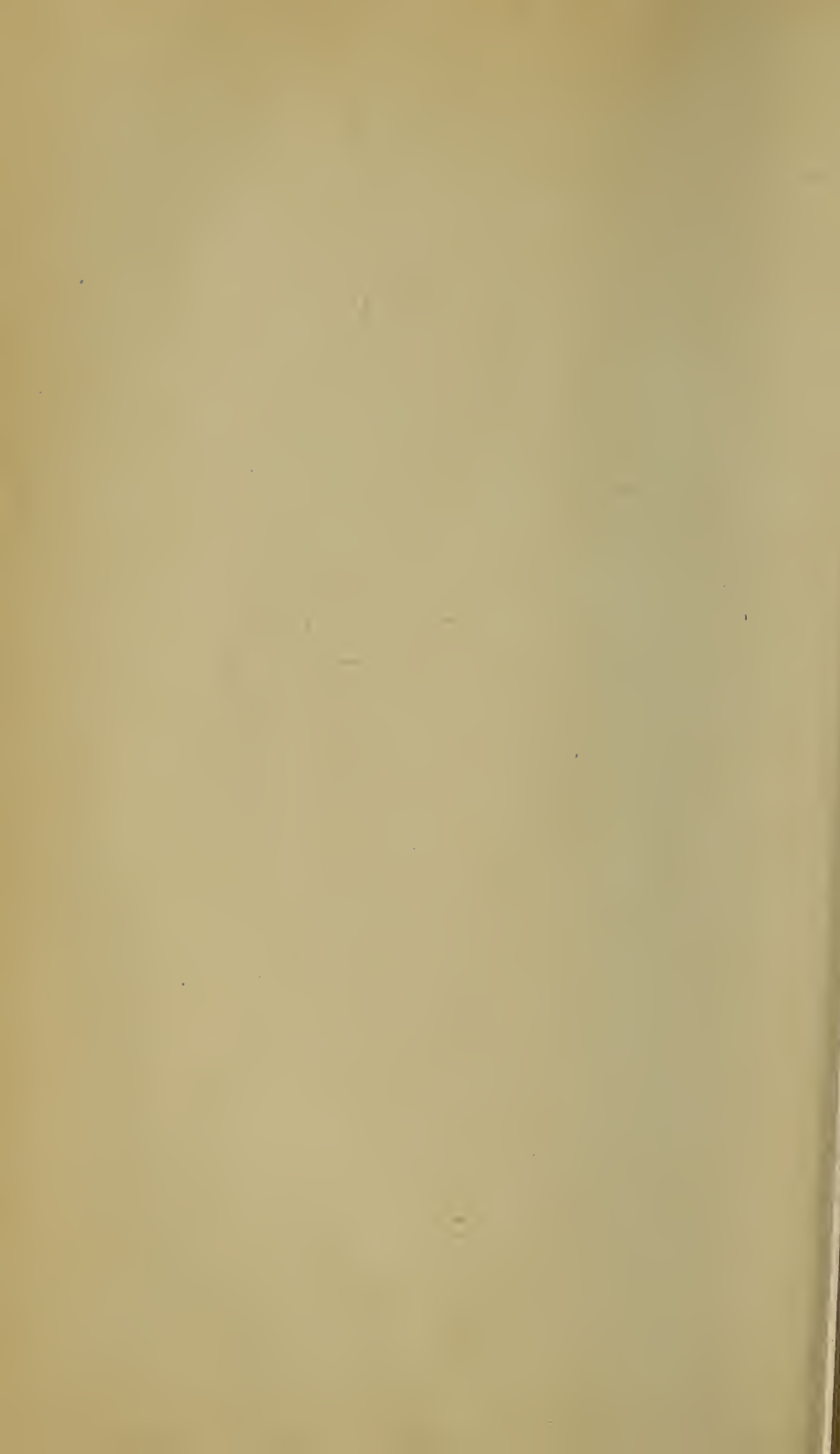
CONTEMPLATIVAS

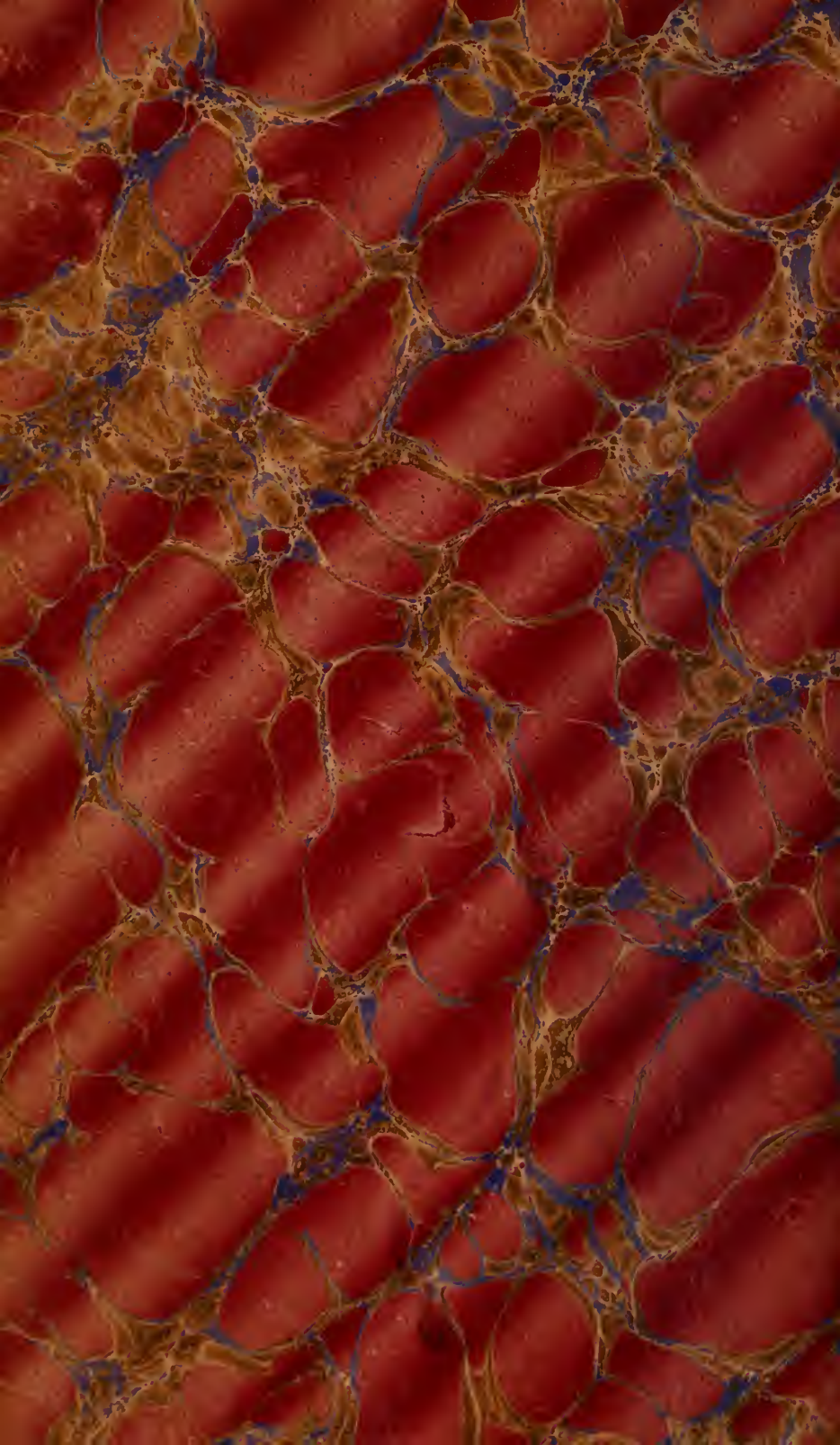
SEGUNDA PARTE

Visões da noite	99
Circulo dantesco	101
Minha irman	103
O retrato.	105
No Calvario	109
Confugio.	113
O eremita	115
Carta ao mar	117
Semelhanças	119
Aos montes	121
O missal do monge	123
Nostalgia artistica	127
Celeste	129
D. Quijote	131
Lirio branco	133
Ás arvores	135
Invocação á lua	137
In amaritudine	139
Solemnia verba	145

Imprimiram-se dois exemplares deste livro, em papel de linho.







PQ
9261
A75
04

Araujo, Joaquim de
Occidentaes

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW

D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 05 05 006 2